

## **LISTA DE GTS APROVADOS PARA O I SILIAFRO**

### **GT 1 - SILIAFRO**

#### **PROPOSTA DE GT: LITERATURA E ARTES PLÁSTICAS**

#### **POEMAS PINTADOS PRA SER NGWENYA: MALANGATANA**

**Tânia Lima [UFRN]**

O presente trabalho é recado para a pintura nas culturas “africanas”. O traço acompanha o sopro das coisas mínimas. O lado imagético das cores na obra do pintor Malangatana. Este ensaio traduz as cores dos poemas orais, as traduções do imaginário de um pintor carregador de “sabedorias e pajelanças africanistas”. O centro desta pesquisa fica por conta do sentido que as cores no papel trazem à crioulização nas fronteiras das culturas afro-descendentes. Nesta travessia, o dialogo com a cores ganha o terreno do sagrado, ao profetizar um pensar sobre os mitos da tradição africana. Analisaremos no registro das cores o que havia em África antes da colonização. Também enfocaremos como se deu o processo de assimilação e resistência da pintura frente o peso da colonização . Na pintura, o pintor segreda uma tradição de feitos na proeza de contar histórias. Os quadros são cheios de memórias. Em um tempo sem a pressa das datas, os ponteiros caminhavam em círculo, a pintor é o contador que comungava as cores a partir do som de um tambor. O segredo das cores na tradição africana era repassado pelo rosto. Pintava-se o rosto para contar histórias. O mistério da pintura de quem contava histórias recontava nas paredes o autoconhecimento dos feiticeiros. A pintura acontecia como um recado do sol e da lua. O simples ato de pintar histórias emerge da grandeza do ato de cantar as cores. Tecem histórias pela tintura como se fossem outro tipo de viver o saber. “O saber é uma luz que existe no homem”, como observa Tierno Bokar. As cores sabem que o que fica da pintura é um majestoso segredo de lidar com o lado imagético da vida. A pintura estava ligada à memória de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer. O conhecimento das cores guarda a luminosidade que perfaz o caminhar das culturas. Para a comunidade, o pintor é o que sabe traduzir a fábula dos mestres. O que pinta é que se encanta de imagens. A tinta de quem conta é uma espécie de arte que guarda os segredos sem nome. O mistério da pintura enraíza a natureza do mundo para dentro dos encantamentos de um sonho dentro de outro sonho. A tintura instaura a natureza dupla em ritos e mitos ao fazer escutar o mistério, o dizer. Diante de uma textura mística e mítica, o que se observa é o ‘mistério’ nos quadros de Malangatana. Essa pesquisa vem sendo levantada, tendo como recorte teórico as ideias de F. Fanon, K. Antony Appiah e Hampaté-Bá.

Palavras chave: Malangatana, Áfricas, Artes Plásticas.

## **GT2**

### **Subjetividades em trânsito: África, Brasil e Portugal**

#### **Eixo temático 4: Geografias Literárias: Cartografias Culturais;**

Prof. Dr<sup>a</sup>. Álex Leilla: coordenadora (UEFS)

Prof. Ms. Idmar Boaventura: coordenador (UNEB)

A proposta do Grupo de Trabalho, concebido a partir do grupo de pesquisa "Subjetividades em trânsito", cadastrado no CNPQ e certificado pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), e que reúne pesquisadores da UEFS e da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) é analisar as relações intertextuais produzidas pelas literaturas de língua portuguesa, numa perspectiva trans-histórica e transcultural, observando as releituras de mitos e de questões estéticas e culturais que permeiam os textos literários. Além disso, objetiva-se promover uma ampla discussão acerca das novas formas de intervenção dos sujeitos na cena artístico-cultural contemporânea, tendo como fio condutor a ideia de que em nossa época lidamos com uma complexidade maior dessas performances artísticas, que compreendem tanto as modulações das sexualidades e das diversas formas de amar do sujeito, quanto das escolhas em registrar suas experiências e biografias, seus trânsitos, migrações e diálogos. Pretende-se, então, analisar autores e obras que levantem questionamentos acerca do sujeito contemporâneo e de seus múltiplos deslocamentos, privilegiando o espaço móvel desses sujeitos, dentro da perspectiva da literatura comparada de língua portuguesa. Numa perspectiva de valorização das diferentes geografias culturais e seus entrecruzamentos, o GT pretende abordar tanto autores/autoras de alcance local ou regional (com destaque para autores/autoras e obras baianos, nesse caso), quanto aqueles de alcance nacional, no caso da literatura brasileira, ou para além dos limites da nacionalidade (incluindo-se aí autores/autoras e obras portugueses, das nações africanas de língua portuguesa, ou mesmo de outras nacionalidades, no caso de estudos comparatistas). Deste modo, são bem vindas contribuições que pretendam alargar as reflexões acerca dos sujeitos e de suas geografias, seus deslocamentos e seus trânsitos.

## **GT3**

### **Eixo 4) Geografias literárias: Cartografias culturais**

#### **GT: Geografias literárias africanas multilíngues**

**Coordenadora: Profa. Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU)**

Para os primeiros estudiosos das literaturas africanas, a ficção do continente teve como alicerceo modeloocidental. No entanto, se a crítica do velho continente foi, de fato, a primeira a avaliar essa produção, servindo-se de critérios estéticos ocidentais, a crítica endógena, apontando novos parâmetros de avaliação, tenta alçar ao mesmo patamar a

ascendência ocidental e a evolução histórica da África, reivindicando, por vezes, a verdadeira origem das literaturas africanas, que resulta da transformação de uma produção que precedeu o encontro com o Ocidente, ou seja, a narrativa tradicional. Portanto, a bagagem europeia, a evolução da história recente do continente africano e a herança da narrativa tradicional formam a base sobre a qual se consolidaram as literaturas africanas. Diante disso, e considerando-se as exigências da Lei 10.639/03, que inclui o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como meio de reconhecimento e valorização da identidade, da história e da cultura dos afro-brasileiros, e ainda as inúmeras contribuições dos estudos das literaturas de língua portuguesa no Brasil, propomos a extensão das geografias literárias e a ampliação do debate com base em repertórios culturais que incluam também as produções em língua francesa e inglesa. Tal proposta visa favorecer a reflexão acerca de nossas raízes culturais por meio do estudo de obras que resgatam, em maior ou menor grau, as bases de uma narrativa com a qual os africanos trazidos para o Brasil tiveram profunda intimidade. Como nos lembra K. MUNANGA (2009), o tráfico negreiro envolveu três regiões geográficas: África ocidental, África centro-ocidental e África austral. Assim sendo, entende-se que o contato com as literaturas africanas produzidas em várias línguas permite uma amplificação que nos leva ao melhor entendimento do sentido de africanidade e, por conseguinte, a uma compreensão mais ampla de nossas origens culturais.

#### **GT4**

### **LITERATURA MARGINAL: MARGINALIDADE, RESISTÊNCIA - SENTIDO DAS LUTAS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS**

Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca

Prof<sup>a</sup>. MS. Simone de Loiola Ferreira Fonseca

A produção criativa e a difusão da literatura tem marcado profundamente a história da sociedade latino-americana, particularmente quando o seu conteúdo revela indignação, protesto, resistência em decorrência de espelhar o quadro social de violência em nossa sociedade profundamente racista, preconceituosa e que marginaliza a população afro-latino-americana que construiu com o seu esforço grande parte do continente americano no período colonial e que continuam a fazê-lo cotidianamente também neste período pós-colonial. A literatura marginal não é oficial. Ela é escrita por adultos (homens e mulheres) para tratar dos problemas estruturais e conjunturais da sociedade, inclusive denunciando as situações vivenciadas pelas crianças, desde a mais tenra infância, perpassando pela adolescência chegando à fase adulta destes sujeitos. A literatura marginal problematiza enfaticamente o discurso do Estado e dos poderes hegemônico, tendo o papel histórico em diversos momentos de romper com o isolamento e o silêncio daqueles que não tem voz ou a habilidade de exercitar a língua e a linguagem literária

para falar sobre as situações e condições sociais, culturais, psíquicas experimentadas (material ou simbólica) por esta população afro-latino-americana. Este Grupo de Trabalho vinculado ao eixo temático "Infância, violência, pós-colonialismo" visa estabelecer diálogos, intercambiar e aprofundar estudos sobre o tema da literatura marginal (incluí-se aí, para além de textos acadêmicos científicos, a poesia, o conto, a prosa, as cartas testemunhos, o texto jornalístico, a grafitagem e a panfletagem) elaborada no presente, mas também no passado de nossa sociedade a fim de trazer à tona, as vozes, as angústias, as vitórias e as resistências sociais e étnico-raciais produzidas por literatos ou produtores de textos carregados de sentido e simbolismo, pois denunciam e anunciam outras possibilidades de se fazer a vida seguir adiante sempre nesta nossa Latino-América, bem como nos demais continentes que direta ou indiretamente fizeram e ainda fazem parte de nossa história.

## **GT5**

### **Vozes Literárias Afrofemininas: Trançados e Tessituras**

**Profa. Dra. Ana Rita Santiago**

**Profa. Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)**

A escrita literária de mulheres negras, aqui reconhecida como literatura afrofeminina, constitui-se em uma produção relevante de práticas discursivas de reinvenções de si/nós diante das preconizações de personagens negras femininas subjugadas, não só ao poder masculino, mas também a representações, discursos e narratividades, envoltos de subalternidades e depreciações as suas diversidades. Ademais essa escrita provoca uma reversão das práticas de silenciamento de suas vozes, permitindo-lhes inventar poéticas e ficções amparadas em construções de feminismos/feministas negros, afirmando suas identidades e diferenças. Com isso, a escrita delas, enquanto formas de subjetivações, institui um discurso de si/nós também como prática social, isto é, interage com múltiplas vozes, pois com a escrita de si recriam-se remendos de recordações que se quer lembradas, individual e coletivamente, desfazem trapos de ditos sobre si/outras que as colocam inferiorizadas, que se desejam esquecidos, se ficcionalizam vivências e trajetórias e se inventam narrativas e poéticas em que se cosem fios, fiapos e retalhos de dizeres de si/outras. Assim este Grupo Temático apresenta-se como uma Roda de Conversa, no I Siliastro – I Simpósio Internacional de Literatura Afrolatina, inserindo-se no eixo temático Diáspora, literaturas: afro-brasileira e afro-americana em que poderão ser socializados trançados e tessituras sobre literatura afrofeminina, representações e escritas diferenciadoras de si/outras, de femininos e feminismos negros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afrofeminina; femininos; feminismos negros

## **GT6**

**Nome do GT: Infância e Pós-colonialidade**

**Nome do Coordenador: Renata Flavia da Silva**

**Instituição: Universidade Federal Fluminense**

**E-mail: renataflaviadasilva@gmail.com**

O GT Infância e Pós-colonialidade objetiva instaurar uma instância de produção e circulação de saber, organizando-se em torno dos temas da infância e do pós-colonialismo, assim como, o tema da violência que perpassa a ambos no que diz respeito às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Composto por pesquisadores, professores e estudantes de Pós-Graduação, o GT pretende atuar como um fórum de discussão no qual se reflita tanto sobre a presença do universo infantil, suas transformações e inovações, quanto sobre a verificação da violência, em suas múltiplas formas, na literatura produzida nas últimas décadas. Buscaremos analisar as representações da infância e das condições histórico-sociais a ela legadas após a independência das ex-colônias portuguesas. Em tempo, avaliaremos as tentativas de (re)construção da infância em meio à (re)construção dos países em questão, especificamente a partir de produções literárias e/ou pictóricas da década de 80. Tanto a pintura quanto a literatura contemporâneas, em alguns casos, ao enveredarem pelas searas da subjetividade, buscaram, muitas das vezes, retomar a infância ora como algo lúdico, ora como imagens recriadas, resgastadas por memórias assinaladas pela resistência com que almejam ultrapassar os conflitos vivenciados no presente. Procuraremos recuperar a trajetória da representação infantil nas literaturas africanas, desde a infância presente nas narrativas tradicionais, tida como um tempo de aprendizagem e de experiências rituais, passando pela conscientização e à militância das utopias revolucionárias a partir da década de sessenta, com a figura significativa dos “jovens pioneiros” dos movimentos independentistas, até às novas configurações infantis ou juvenis, as quais se revestem de novas roupagens, ocupando ora o lugar da vítima, ora o lugar do algoz. Tais configurações evidenciam um discurso crítico que aponta, na realidade contemporânea refletida no literário, as dores e os conflitos da pós-colonialidade, o amadurecimento precoce e a frustração do tempo presente. Em contrapartida a um cenário distópico, procuraremos, também, destacar a expansão dos livros destinados ao público infantil, a opção pela adaptação dos contos tradicionais à contemporaneidade e o aprimoramento das publicações em face do crescente mercado editorial.

**GT7**

**CARTOGRAFIAS DESCOLONIAIS E DISCURSOS CULTURAIS**

**AFRO-LATINO-AMERICANOS**

**Eixo temático: 4) Geografias Literárias: Cartografias Culturais;**

**Proponentes: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Claudia de Lima Costa (UFSC)**

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Simone Pereira Schmidt (UFSC)**

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. Susan A. de Oliveira (UFSC)**

**Prof<sup>ª</sup> Msc. Edelu Kawahala (UFSC/ Faculdades Estácio de Sá- SC)**

Vivemos hoje um momento cultural e político que particularmente se dedica a olhar com mais atenção para uma longa história de experiências compartilhadas entre os países africanos e os latino-americanos. Dessa iniciativa resulta uma multiplicidade de leituras que vão pouco a pouco revelando aspectos até então quase desconhecidos em nossa formação. A partir da compreensão de que o colonialismo deixou vestígios que até hoje se fazem presentes nos países que, embora de modo diverso e em tempos distintos, o vivenciaram, podemos dizer que resulta dessa experiência compartilhada, ainda que se desdobrando em sentidos muito diferentes, específicas injunções de gênero, etnia e raça ligadas à memória de uma história colonial-patriarcal-escravocrata. Nesse sentido, consideramos a literatura, bem como outros discursos culturais, como locus privilegiado de representação e problematização da memória colonial. Em outras palavras, partimos da compreensão de que os discursos culturais atualmente produzidos nos países africanos e latino-americano integram um novo repertório que vem redimensionar nossa formação de leitores, muitas vezes lacunar e insuficiente no que tange à tradição de representação das diferenças étnicas, raciais e de gênero. Tomando como espaço de referência o chamado “Atlântico Negro” (Gilroy, 2001), cruzado em múltiplas direções em função das muitas viagens, concretas e simbólicas, promovidas pelo colonialismo e por seus desdobramentos no período pós-colonial, propomos a discussão de diferentes discursos culturais produzidos atualmente na África e/ou na América Latina, com o intuito de constituir um novo paradigma de leitura, embasado numa opção descolonial (Mignolo, 2007).

## **GT8**

**Tema: Diáspora, literaturas: afro-brasileira e afro-americana**

**GT – Literatura e identidades afro-brasileiras: perspectivas críticas**

**Coordenação: Rosangela Sarteschi (USP)**

**Vima Lia de Rossi Martin (USP)**

O GT “Literatura e identidades afro-brasileiras: perspectivas críticas” tem por objetivo compartilhar algumas reflexões em torno da produção literária dos escritores afro-brasileiros que, mais recentemente, tem ganhado espaço na conjuntura cultural do país. Trata-se de lançar uma visada crítica sobre obras que participaram da consolidação da chamada literatura nacional, ainda que seus autores tiveram de abrir suas próprias trincheiras para que suas vozes pudessem circular e fossem, então, ouvidas.

O crescente interesse por escritores cujas obras não estavam nas listas canônicas de “livros a serem lidos”, vem destacando a possibilidade de gerar novos conhecimentos em relação à produção cultural do país e, por extensão, em relação à própria história do Brasil. Tais questões implicam a importância da efetivação da Lei 11.645/08 (que altera a Lei 10.639/03) que torna obrigatório o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional.

Nesse sentido, a pesquisa, o ensino e a aprendizagem da chamada literatura afro-brasileira vincula-se à discussão da nacionalidade, identidade, pluralidade e diversidade. O sistema literário deve ser, então, compreendido como um sistema plural e heterogêneo, engendrado dialeticamente a partir de fragmentos que o compõem em movimentos de afirmações, rupturas e ressignificações. Ao incluirmos a voz dos escritores afro-brasileiros nos currículos dos cursos de Letras e da Educação básica, apontamos para uma reavaliação cultural de textos que frequentemente foram marginalizados e, no limite, propomos a remodelação do próprio cânone.

## **GT9**

**Eixo temático: 1) A mitologia dos Orixás: Terreiros de Candomblé**

**Mitos nômades: o diálogo entre as mitologias africanas, gregas e judaicas**

**Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU - kenia@triang.com.br)**

**Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU – eni@ufu.br)**

O mito é uma manifestação plural que se singulariza em cada cultura, por meio dos dinamismos simbólicos. Não há mito inicial nem mito puro, e sua permanência é garantida por suas variações. Por outro lado, as diásporas também possibilitam assimilações e re-leituras do elemento mítico. Nesse sentido, essa proposta se abre à investigação de mitos paralelos nas literaturas afro-latinas, com enfoque nas mitologias africanas, gregas e judaicas. O aporte teórico é buscado em Reginaldo Prandi, Jung, Bachelard e Durand.

## **GT10**

### **NARRATIVAS DO FANTÁSTICO NA LITERATURA AFRICANA: ESPAÇOS, LINGUAGENS E MEMÓRIAS INSÓLITAS**

**Coordenação: Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil (UFU-CNPq)**

Este Grupo Temático pretende reunir propostas de comunicações que elejam como corpus as narrativas do fantástico na literatura africana. Não se tem como alvo principal a abordagem puramente teórica de determinada modalidade do fantástico, procurando enfeixá-la em algum gênero ou subgênero; o objetivo fundamental é desencadear reflexões que tenham como base questões como: a relação da construção do fantástico com os lugares e entre-lugares do espaço natural e cultural africano; o insólito e a narração de movimentos que refletem a diáspora ou o desejo de unidade; a assunção de uma linguagem mágica, que tece a memória histórica e imaginada de um povo pelas vias da escritura e da oralidade. A ideia de privilegiar neste Grupo Temático a narrativa fantástica deve-se ao fato de percebermos um forte trabalho com o elemento insólito no rico acervo das narrativas africanas, seja, por exemplo, através de enredamentos que têm o mito como sua base, seja no entrecruzar do insólito com uma instigante e densa crítica social. A seleção de três focos de trabalho – espaço, linguagem e memória – para realizar o enlace da proposta do Grupo Temático tem como fundamento o fato de crermos que esses focos/elementos muito propiciam a construção do fantástico na literatura africana. Em primeiro lugar, a ambientação fantástica advém em muitos casos de um trabalho com um espaço ricamente elaborado, um espaço que foge ao lugar comum de uma representação diretamente realista, porque nele irrompe algum evento que desloca a ordem dos fatos sólidos e cotidianos; e vale lembrar, por exemplo, que o conceito de realismo animista, defendido por Pepetela, ilustra uma situação insólita em que a natureza encontra-se “animada”. Em segundo lugar, sobre a escolha da linguagem como foco, podemos afirmar que, no caso das narrativas africanas, o resgate da oralidade em conjunção com a metaforização da palavra é um recurso potente para a incursão do fantástico. O terceiro foco, a memória, vem aliado ao segundo, a linguagem, e sua importância na literatura africana é admirável, uma vez que é pela memória que os narradores recompõem, muitas vezes de forma mágica, uma História opressora que ao pé da letra foi totalmente desprovida de magia.

## **GT11**

### **Interculturalidades no cinema e na literatura: violência, alteridade e questões étnico-raciais**

**Ewerton de Freitas Ignácio: doutor em Literaturas de Língua Portuguesa com estágio pós-doutoral na mesma área pela UNESP/Assis, atualmente coordena o curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Anápolis, coordena o Mestrado Interdisciplinar em Letras UEG/UFF e dá aulas no Mestrado Interdisciplinar em Linguagem, Educação e Tecnologias da UEG – Anápolis.**

**E-mail: ewertondefreitas@uol.com.br**

**Emile Cardoso Andrade: doutora em Literatura e outras áreas do conhecimento pela Universidade de Brasília (2011), mestre em Teoria Literária pela mesma instituição (2006) e atualmente atua como docente da Universidade Estadual de Goiás. Estuda as relações entre literatura contemporânea e outras mídias, bem como a articulação entre a teoria literária e as narrativas em outros espaços além do livro, como o cinema, a televisão e as artes contemporâneas.**

**Email: emilecardoso@yahoo.com.br**

Desde que os estudos pós-coloniais se estabeleceram nos círculos de reflexão acadêmica, as questões referentes à vivência da angústia e do sofrimento, nas mais diversas perspectivas de exploração do sujeito contemporâneo, têm sido tematizadas em/por múltiplas formas artísticas. A literatura e o cinema produzidos hoje confirmam essa proposição na medida em que compreendem os produtos culturais como fenômenos múltiplos que estabelecem relações singulares entre os sujeitos atuantes nos espaços geográficos e simbólicos do mundo globalizado. Nesse aspecto, os estudos envolvendo relações de identidade e alteridade (HALL, 2001; FEATHERSTONE, 1992; GIDDENS, 2002) que se processam em cenários expandidos, cujas fronteiras são diluídas e imprecisas (GARCÍA CANCLINI, 2003; FRANÇA, 2003.), apontam para o fato de que os conflitos étnico-raciais permanecem como fonte de constantes problematizações, sem que isso necessariamente esgote as abordagens acerca de tais relações. Isso se verifica, por exemplo, na extensa produção literária de África que se volta para a traumática experiência da guerra. Autores como Mia Couto (1995), Pepetela (2009), Ondjaki (2006) e Gonçalo M. Tavares (2003) traduzem em suas obras a tragédia da guerra civil africana e transportam seus leitores para universos singulares dessa vivência. Complementarmente, embora por outros meios, conflitos semelhantes desenham-se nas películas de cineastas como Wim Wenders (2007), Gavin Hood (2005), Terry George (2004) e Kevin MacDonald (2006), revelando que o tema perpassa diversas mídias em inúmeras possibilidades estéticas e analíticas. A proposta deste grupo temático, portanto, é propiciar o surgimento de um espaço de discussão das problemáticas concernentes ao conjunto de experiências que plasmam o mundo do sujeito considerado outsider (ELIAS, 2000) ou, como postula Giorgio Agamben (2002), homo sacer. Seguindo essa perspectiva, serão caros à nossa discussão trabalhos que

investiguem os desafios que a configuração desse universo intercultural impõe incisivamente aos indivíduos que, aprisionados em seus muros invisíveis, sofrem abusos de quaisquer ordens dentro das relações de poder, seja num âmbito simbólico (BOURDIEU, 1998), micro (FOUCAULT, 1979) ou em contextos diversos (ARENDR, 2007).

## **GT 12**

### **EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA AFROLATINA: SUBSÍDIO PARA O COMBATE A TODA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO**

**Maria Cecília de Lima**

**Janaína Jácome dos Santos**

Neste GT; cuja temática é a relação entre literatura afrolatina, na qual a brasileira se encontra, e o trabalho de conscientização contra todas as formas de discriminação; temos como objetivo a socialização de experiências pedagógicas (projetos, aulas) com o emprego da literatura em sala de aula de ensino formal para o combate a discriminações de todo o tipo, por exemplo: a racial, a linguística, a de classe, a de gênero; a ligada à orientação sexual, à deficiência, dentre tantas outras. O arcabouço teórico básico que subsidiará, inicialmente, as discussões deste GT são as discussões levantadas por Amâncio (2008); Abramowicz (2006). A metodologia de trabalho será a de relato de experiências de propostas pedagógicas e discussão sobre elas. Em função de nossa experiência anterior com esse tipo de trabalho, temos a considerar que há muitas experiências e propostas que relacionam o emprego da literatura em sala de aula e o trabalho de combate a várias formas de discriminação e preconceito para serem socializadas. E essa socialização de experiências tem a contribuir para o trabalho de pessoas que, já conscientes de que precisam reagir e lutar contra todo tipo de discriminação, ainda não sabem como fazê-lo ou querem repensar suas ações. Para além disso, esse tipo de discussão em grupo de trabalho contribui para o aperfeiçoamento de práticas de quem já fazem algum trabalho e que entende que a reflexão sobre a prática docente tem de ser constante.

EIXO 16) Ensino de Literaturas Africanas, Afrobrasileira e Afrolatina.

## GT 13

### **“América Latina: O universo das diferenças ou o elogio do anticânone”**

#### **Professores responsáveis:**

**DR<sup>a</sup>. BETINA RIBEIRO RODRIGUES DA CUNHA (UFU)**

**betina@ufu.br**

**DR.MARIO CEZAR SILVA LEITE (UFMT)**

**[mcsl@terra.com.br](mailto:mcsl@terra.com.br)**

A crítica – ortodoxa, compartimentada em rótulos, visões circunstanciais, recortes e pormenores - acaba por não privilegiar aspectos importantes do objeto e da análise literária, com seus entendimentos, reflexões estéticas e artísticas, supervalorizando produções simétricas e isomorfas, alinhadas a juízos de valor padronizados que desconsideram as relações e ambiguidades inerentes ao próprio homem, ao seu processo contínuo de se reconhecer e se construir a partir dos elementos e contradições que o identificam e, ao mesmo tempo, justificam sua busca, sua expressão e suas manifestações culturais. Nesse sentido, o Grupo Temático aqui apresentado e o título que o anuncia, longe de brincar com conceitos e valores já incorporados por uma parcela consistente da crítica contemporânea, busca enfrentar as interrogações e exercícios expressivos, significativos de culturas e manifestações literárias outras, distanciadas dos eixos convencionais das oposições binárias, cujo conteúdo revela aspectos instigantes de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro – às vezes desconhecido, às vezes obscuro ou hermético ou lacunar mas, sempre!, essência de um Eu que busca se impor e se conservar pelas filigranas de uma palavra e uma escritura substantivas. Esta investigação-provocação insiste em legitimar a assimilação do regional, do local e do fronteiro como elementos imprescindíveis para se determinar e reconhecer as identidades aí recriadas. Estas, em consequência, destituem a cristalização canônica, alçando o “anticânone” (assim considerado pelos mais tradicionais e ortodoxos ...) à condição de um olhar privilegiado da cultura e do “elogio da diferença”. As reflexões contemporâneas acerca das noções de espaço, alteridade, fronteira, visam à correlação dessas mesmas situações culturais, na perspectiva de entendimento das diferenças e das identificações, dentro de uma formulação do reconhecimento de nós mesmos, sujeitos de identidades híbridas, mestiças, fronteiriças. Enfatiza Walter MIGNOLO, que um novo conceito de razão está-se construindo com vista aos loci diferenciais de enunciação, o que significa um deslocamento das práticas e das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão, articuladas no período moderno. Daí, sua ulterior formulação reflexiva sobre colonialidade e saberes subalternos, elaborando a crítica das histórias locais versus projetos globais: “[...] O foco do próprio bilinguajamento é corrigir a assimetria das línguas e denunciar a colonialidade do poder e do saber”. Para o crítico literário, a fortuna de um escritor não resulta tão somente das condições que garantiram o sucesso e divulgação “universal” de

suas obras; para uma justa valoração das obras e autores, interessa verificar aquilo que os torna originais e o vate de um lugar, um espaço, uma localização, a América Latina. Assim, no caso da literatura brasileira, experimenta-se delinear como as diversidades regionais se articulam com o todo nacional e o constroem lembrando que, assim como a nação, a região é também uma tradição inventada; que a noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adota idênticos procedimentos de construção e de afirmação. O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as particularidades locais e mostrando as várias maneiras possíveis de ser brasileiro. Acredita-se, então, interessar ao crítico da modernidade, comparatista ou não, a (re)verificação de noções como região e regionalidade em seus processos de constituição, assimilação e de acentuação de peculiaridades locais. Sob outro viés, pretende-se pensar a ideia/proposta de "literatura e produção artístico-cultural" seja dos nossos locais, dos diversos locais latino-americanos, das Américas, quaisquer outros, enquanto demandas da inclusão, da literatura de resistência, dentre outros mecanismos de suporte e instrumentalização identitária. Neste Simpósio questiona-se, em última análise e em contrapartida, o que é ser, e porque é importante ser universal? Ou seja, importa interrogar quem e como se criterizou ou se criteriza, a arte "universal"? O que é efetivamente universal? Como e porque se passa do entendimento e assunção do regional para o universal? A Arte regional só é boa quando se universaliza? O que isso significa exatamente na literatura e na cultura? Espera-se receber propostas que reflitam além dos já conhecidos binarismos e rótulos, realçando uma perspectiva de "crítica" e revisão, ressemantizadas em função de um projeto, ou seja, do "cogito" moderno. Com efeito, propõe-se, assim, retomando as palavras de Pageaux, "dar novamente a palavra aos criadores e tratar de reconciliar reflexão e criação, abordagem teórica e perspectiva poética, pois as práticas universitárias as dissociaram".

## **GT15**

### **Eixo Temático: Ensino de Literaturas Africanas, Afrobrasileira e Afrolatina**

#### **Representações africanas e afrobrasileiras na Literatura Infantojuvenil e no Livro Didático de Literatura**

**Coordenadora: Profa. Ms. Daniela Galdino (UNEB)**

**Coordenador: Prof.Ms. Oton Magno Santana Santos (UNEB)**

A presente proposta vincula-se ao Comitê Local do PROLER (UNEB/Campus XX) e, ao mesmo tempo, busca congregiar outras/os pesquisadoras/es interessadas/os em discutir os movimentos contemporâneos de produção, circulação e fruição literária. Nesses termos, o GT pretende situar os estudos sobre a Literatura Infantojuvenil de autoria brasileira e africana no contexto da lei 10.639/03,

considerando os impactos de tal lei no mercado editorial brasileiro. Pretende-se também discutir como as estratégias editoriais influenciam a recepção do leitor de literatura mediada pelos livros didáticos. Dessa maneira, o GT irá recepcionar trabalhos que considerem esses pólos: i) análise de como a produção literária infantojuvenil contemplada por esta proposta se realiza a partir de um duplo desafio: superar estereótipos e reafirmar a dimensão estética das obras. ii) entender o processo pelo qual as estratégias apresentadas no livro didático relacionam-se com a literatura canônica e não-canônica e como essas são utilizadas para apresentar a literatura afrobrasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa ao leitor. A partir de uma perspectiva diaspórica, pretende-se aprofundar discussões relacionadas às estratégias de produção literária infantojuvenil, bem como à receptividade de textos literários pelo leitor contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; autoria africana; autoria brasileira; livro didático; leitura literária.

## **GT 16**

### **Eixo 3: Diáspora, literaturas: afro-brasileira e afro-americana**

#### **GT: Literatura Afro-Brasileira: o rap em questão**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cintia Camargo Vianna (Ileel/UFU)  
([cintiavianna@ileel.ufu.br](mailto:cintiavianna@ileel.ufu.br))

Em virtude de seu alcance quase mundial, o *rap* deve ser entendido como fenômeno musical de grande amplitude. Pelo menos no âmbito de alcance dos países nos quais há representação de populações negras diaspóricas, o *rap* aparece como manifestação cultural singular e contemporânea. O Movimento *Hip Hop* pode ser entendido como espaço para a construção de uma identidade alternativa, que pode conferir *status* social positivo para os jovens de uma determinada comunidade. Além da natureza político-ideológica, esse movimento apresenta também caráter cultural e, por isso, reivindica a construção de novos valores e concepções para o indivíduo afro-descendente e para sua produção artística. Dentre as preocupações que vão mover a produção artístico-cultural dos integrantes do movimento *Hip Hop*, figuram a discriminação social e racial, além da violência cotidiana. É preciso compreender também o Movimento *Hip Hop* como um espaço que não gera apenas programas para a atuação política, para a criação do proceder da periferia. Nesse sentido, um dos programas que o movimento propõe seria o de (re)estabelecer relações de pertencimento à área geográfica ocupada pelos jovens afro-descendentes que, organizados em torno do movimento, vão preconizar o pertencimento ao seu local, as suas quebradas. Nesse sentido, o GT aceitará trabalhos, oriundos de diferentes áreas de conhecimento, que versem sobre o *rap* produzido na diáspora como espaço de construção para uma narrativa alternativa, na qual se redefiniriam os pertencimentos, por exemplo, no âmbito do gênero, da etnia e da cidadania.

**AFRORREALISMO: LITERATURA, SOCIEDADE E MEMÓRIA.**

Rogério Mendes Coelho (UFRN)

A perspectiva tradicional da crítica literária costuma reconhecer pressupostos que ignoram a abrangência de elementos constituidores do que seria uma literatura hispano-americana. Ao priorizar argumentos sobre a valoração estética universalista costuma não levar em conta, ou em menor proporção, a legitimidade de vozes independentes que representam espaços, cujos processos de formação social e literária apresentaram-se dissociadas de uma tradição ocidental reconhecida pelos grandes centros ao renegarem as especificidades da identidade mestiça americana (Gruzinski, 1999). Ao observar o entorno das margens americanas nota-se evidente a contribuição de diversas culturas, dentre elas, a africana, nem sempre legitimada por um pretense cânone literário hispano-americano que não reconhece o expoente afro relevante no processo de formação literária das sociedades americanas (Fanon; 2000; Bhabha, 1999; Hall, 1999). Dessa forma, a partir das bases lançadas pelo “Aforrealismo”, conceito apresentado pelo escritor costa-riquenho Quince Duncan, interessado em evidenciar a contribuição estético-literária africana na Hispano-América por meio de sua tradição e desenvolvimento cultural, a proposição do presente GT consiste em agregar contribuições de pesquisadores, professores e demais interessados em ampliar os limites da compreensão do conceito de Hispanismo e gerar visibilidades para as contribuições culturais africanas no mosaico híbrido da realidade hispano-americana. Em outras palavras, o objetivo do GT consistirá em difundir “otras literaturas hispânicas” (Queiroz, 2007) apresentando contributos não necessariamente europeus ou nativos em sua constituição. A relevância da mobilidade na reconstituição de fronteiras culturais em contexto híbrido no continente americano contribui para que se revise o valor ideológico e a função política dos conceitos que interferem na ocupação legítima de espaços afro-relevantes: sejam eles políticos, econômicos ou culturais, antes e durante o processo de formação das sociedades americanas tendo-se como base não uma escritura da diferença mas, sobretudo, uma escritura legítima e equânime como interesse .

Palavras-chave: Literatura; Afro-hispano-americanismo; Educação.

## GT18

### FLUXOS E NEGOCIAÇÕES NAS LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS

Alvany Rodrigues Noronha Guanaes (Uni-Anhanguera)

Divanize Carbonieri (UFMT)

Emails: [alvanyg@terra.com.br](mailto:alvanyg@terra.com.br)

[divacarbo@hotmail.com](mailto:divacarbo@hotmail.com)

Aproximadamente a partir do final da década de 1990, os estudos pós-coloniais passaram a questionar a eficácia de uma estratégia investigativa que insistisse exclusivamente nas relações conflituosas entre metrópoles e colônias e seus resultados ou consequências. Nesse momento, era proposta uma mudança de paradigma crítico, com o escoamento da cristalização em torno do contexto do estado-nação surgido no processo entre colonização e descolonização e com a instauração, em seu lugar, de uma configuração mais ampla, mais fluida, mais transitiva e, por conseguinte, mais complexa. As cartografias diaspóricas começavam a se delinear como uma abordagem significativa das questões pós-coloniais, privilegiando não as teorias e representações de raízes fixas ou essenciais, mas os inúmeros deslocamentos, forçados ou não, realizados por grupos oprimidos na travessia e intercruzamento de distintas partes do mundo. Dessa forma, a base nacional que havia dado suporte à crítica pós-colonial até então dissolvia-se diante de uma carga de questionamentos sucessivos e cada vez mais intensos, sendo substituída por um substrato transnacional a interligar territórios, povos, culturas e línguas diferentes. Os conceitos e metáforas ligados à experiência das diásporas começaram a ser utilizados para traduzir os processos e desenvolvimentos compartilhados por minorias étnicas, sociais e políticas em diversos contextos, o que conferiu um novo fôlego aos estudos pós-coloniais, tornando-os capazes de produzir análises efetivas, mesmo tendo transcorrido tanto tempo desde o período histórico das descolonizações. Partindo da conceituação sugerida por Avtar Brah (1996) de um espaço diaspórico como uma categoria habitada tanto por aqueles que se deslocaram e deram origem a sua descendência em outras terras como por aqueles que permaneceram e são normalmente representados como nativos, este simpósio pretende abranger discussões a respeito das literaturas produzidas por autores africanos ou afrodescendentes em variados contextos, territórios e línguas, enfocando principalmente as inúmeras experiências de fluxos e negociações envolvidas nesse posicionamento afrodiaspórico. O que se pretende é a investigação de alguns eixos temáticos principais, como as questões de pertencimentos e não-pertencimentos, movimentações, trânsitos e mesmo imobilismos de diversas naturezas, identificações e diluição das identidades, resistências, transformações e abandonos da agência transformadora. Serão aceitos trabalhos que busquem desvendar os modos, configurações, perspectivas, estratégias e soluções narrativas e/ou poéticas dessas produções literárias, com o exame concomitante dos elementos contextuais que surgem das relações entre literatura, história, política, cultura e sociedade e que dão forma a essas manifestações.